

## CAPITAL CULTURAL E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DA OBRA DE BOURDIEU

**LEIRY KELLY SILVA OLIVEIRA**

Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará-UFC e Bolsista do Programa de Educação Tutorial-PET. E-mail: leiry.kelly@hotmail.com

**RAIMUNDA COSTA CRUZ**

Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará-UFC e Bolsista do Programa de Educação Tutorial-PET. E-mail: raimunda.costacs@hotmail.com

### Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre as contribuições do sociólogo contemporâneo Pierre Bourdieu para o campo educacional através de sua teoria dos capitais e da reprodução vigente no sistema escolar. Para tanto, nos reportaremos primeiramente ao conceito de capital cultural para, só então, afirmamos em que medida tal capital influência no fracasso ou sucesso escolar de um indivíduo.

Muito além de propor uma teoria focada na reprodução das diferenças socioeconômicas e culturais, o autor aponta, como afirma Setton (2004), “uma sociologia interpretativa do jogo de poder das distinções econômicas e culturais de uma sociedade hierarquizada”. Sendo assim, em um de seus muitos estudos o sociólogo analisa esse jogo de poder dentro da escola e se torna assim um referencial teórico imprescindível para o conhecimento de qualquer profissional que atue na área educacional.

Para facilitar a compreensão da visão do sistema educacional de Bourdieu, este artigo está estruturado da seguinte forma: apresentaremos inicialmente uma abordagem biográfica sobre o referido teórico, posteriormente discorreremos sobre o conceito de capital cultural relacionado ao poder simbólico e a legitimação de capitais dentro do sistema escolar construído pelo autor ao longo de sua trajetória investigativa. Para a realização dessa difícil tarefa

lançaremos mão dos estudos de críticos das obras de Bourdieu, podendo citar Cunha (2007); Silva (1995) e obras do próprio autor, por último apresentaremos questionamentos acerca da atualidade desse conceito e a sua relação com a educação.

### A sociologia de Bourdieu

Pierre Félix Bourdieu é um sociólogo nascido na década de 30 numa família de camponeses do vilarejo de Denguin na França. Após ter realizado estudo em um internato, ingressou na Faculdade de Letras em Paris no ano de 1951 e na Escola Normal Superior graduando-se em Filosofia. Foi assistente do renomado filósofo Raymond Aron (1905-1983) na Faculdade de Letras Paris, na qual se tornou Secretário-Geral alguns anos depois. Bourdieu publicou mais 300 títulos, considerado livros e artigos. Seus trabalhos percorreram áreas como a sociologia da cultura, educação, estilos de vida, classe social, meios de comunicação entre outras áreas.

Muitos críticos de suas obras o classificam como teórico da reprodução das desigualdades sociais, mas é notável a originalidade de sua obra e de sua criticidade. Como afirma Setton (2004)

Bourdieu fez de sua vida acadêmica e intelectual uma arma política e de sua sociologia uma sociologia engajada, profundamente comprometida com a denúncia dos mecanismos de dominação em uma sociedade injusta. De acordo com sua perspectiva, a sociedade ocidental capitalista é uma sociedade hierarquizada, organizada segundo uma divisão de poderes extremamente desigual.

Para compreender e investigar melhor mecanismos de dominação e os jogos de poder dentro dessa sociedade hierarquizada Bourdieu utiliza três conceitos chave: *campo, habitus e capital*. O capital em Bourdieu é uma metáfora advinda da área econômica, pois assim como seu significado original o capital de Bourdieu é um bem suscetível de ser aplicado a produção, ou seja, gerar algum

fruto, alguma vantagem. Esse termo foi utilizado não só por Bourdieu, mas também por Coleman, para descrever as vantagens socioeconômicas e/ou culturais que indivíduos ou famílias possuem e que lhes permite ou não a mobilidade ou permanência social. Sendo assim, Bourdieu passa a conceber a sociedade como hierarquizada com base numa relação de poder e privilégios determinado pelos *capitais econômico* (renda, fatores de produção e conjunto de bens econômicos que o indivíduo dispõe), *social* (participação em grupos ou redes sociais, ou seja, relações sociais que podem ser capitalizadas em benefícios ao indivíduo), *simbólico* (que segundo Sutton é o que conhecemos vulgarmente como prestígio e/ou honra) e *cultural* (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos).

Todas essas relações de poder se desenvolvem em um espaço denominado campo que é regido principalmente por um quantum social (ou capital social). Esse é campo é definido por Bourdieu (apud Cazelli, 2005) um espaço de correlações de forças, lutas e conflitos, no interior do qual os agentes se enfrentam com meios e fins diferenciados conforme sua posição relativa na estrutura, o que por sua vez está relacionado ao seu interesse em conservá-la ou transformá-la. É importante notar que o conceito de capital social dialoga diretamente com sua formulação de *habitus* – um produto das relações sociais que tende a conformar e orientar a ação dos indivíduos dentro do campo social.

Sendo assim, podemos visualizar como Bourdieu investigou as desigualdades encontrando mecanismos de conservação e reprodução nas diversas áreas humanas, entre elas a educacional, e como o mesmo analisou as diferentes formas com as quais os indivíduos internalizam a estrutura social existente e a reproduz. O autor aponta a escola como um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois não só promove essa reprodução, como também legitima às desigualdades sociais através do estigma do “dom”.

## Do conceito de capital cultural

Na visão de SILVA (1995, p.24) capital cultural pode ser definido como sendo um termo utilizado por Bourdieu como ferramenta de investigação das diferentes classes sociais presentes em uma sociedade, sendo útil dessa forma para caracterizar as subculturas ou a hierarquia cultural das classes sociais. Pontua também que o teórico em questão possui muitas obras que se dedicam a estudos e descrições sobre a cultura apontando como ela se configura considerando as diferentes condições de vida nas diferentes classes sociais, contribuindo para identificar classes sociais diferentes como, por exemplo, uma burguesia tradicional e a classe trabalhadora.

Entretanto, o capital cultural é mais do que uma subcultura de classe; é tido como um recurso de poder que equivale e se destaca – no duplo sentido de se separar e de ter uma relevância especial – de outros recursos, especialmente, e tendo como referência básica, os recursos econômicos. Daí o termo capital associado ao termo cultura; uma analogia ao poder e ao aspecto utilitário relacionado à posse de determinadas informações, aos gostos e atividades culturais. (SILVA, 1995, p.24)

É exatamente da necessidade de compreender as desigualdades entre o desempenho escolar dos indivíduos oriundos de diferentes classes sociais que Bourdieu passa a desenvolver a noção de capital cultural. No entanto, é importante ressaltarmos que

O conceito “capital cultural” ocupa hoje um lugar central no campo da Sociologia da Educação, sobretudo por constituir uma categoria analítica importante para explicar as desigualdades diante da escola e da cultura. Mais do que isso, o conceito “capital cultural” vai além da explicação de que crianças de meios mais desfavorecidos apresentam pior desempenho na escola. (CUNHA, 2007, p.513-514)

Esse é um conceito que vai além, porque a própria sociologia da educação de Bourdieu se caracteriza pela diminuição da importância do fator econômico em comparação com o fator cultural. Para o autor, o capital cultural pode ser encontrado em três formas: incorporado, objetivado e institucionalizado.

O capital cultural incorporado é acumulado através de uma assimilação que demanda tempo e se torna parte duradoura da singularidade do indivíduo, é composto de elementos como gostos (músicas, literários, artísticos e etc), o domínio da língua culta e a cultura escolar. Segundo Bourdieu (1997, p. 86)

[...] acumulação de capital cultural desde a mais tenra infância – pressuposto de uma apropriação rápida e sem esforço de todo tipo de capacidades úteis – só ocorre sem demora ou perda de tempo, naquelas famílias possuidoras de um capital cultural tão sólido que fazem com que todo o período de socialização seja, ao mesmo tempo, acumulação. Por consequência, a transmissão do capital cultural é, sem dúvida, a mais dissimulada forma de transmissão hereditária de capital.

O capital cultural objetivado, nada mais do que a posse de bens culturais como obras de arte, livros, ou como o acesso a museus, peças teatrais, cinema, entre outros. Essa forma de acumulação de capital cultural está intrinsecamente ligada ao capital econômico, que irá propiciar a aquisição material ou simbólica desses bens culturais e ao próprio capital cultural incorporado – necessário a decodificação e apropriação simbólica desses bens culturais. Já o capital cultural institucionalizado é caracterizado pela posse de diplomas escolares, ou seja, títulos de saberes e conhecimentos garantidos e legalmente sancionados.

Uma dinâmica constante de acumulação e aquisição de capital cultural é o que permeia e garante o sucesso ou fracasso de um indivíduo no sistema escolar e posteriormente seu lugar no mercado de trabalho. Ou seja, o capital cultural influencia diretamente a

posição e as estratégias de sobrevivência de um indivíduo dentro de um determinado campo social, dentro de um jogo de poder simbólico legitimado na grande maioria das vezes pela meritocracia e pela ideologia do dom.

### O capital cultural e o sistema escolar

Como explicitado no tópico anterior, para Bourdieu o capital cultural consiste em um fator tão (ou mais) importante que o capital econômico em relação a permanência ou mobilidade social de um indivíduo. Verifiquemos, pois, que a escola é tida como um fator de mobilidade social por si mesma e que aqueles que nela fracassam são vítimas de si mesmo, de sua falta de mérito, de sua falta de esforço. Porém, sabemos que o sistema escolar ao realizar a seleção dos seus alunos segue a lógica social que prioriza os alunos com mais capacidades, ou seja, aqueles com capitais distintos e superiores. Dessa forma contribui para a reprodução e legitimação do ‘capital cultural’ da classe dominante, pois o aluno que possui esse *background* familiar, esse capital cultural que lhe permite ter referências culturais e conhecimentos e linguagem tidos como legítimos e desejados tem uma maior facilidade de assimilar os conteúdos e os códigos escolares. Esses alunos que possuem esse capital cultural privilegiado pela escola dão origem ao mito do dom que rege a meritocracia no sistema escolar: ele tem boas notas porque é inteligente, ela passou de ano porque sempre foi uma aluna aplicada. A criação desses mitos de aluno inteligente-brilhante/ aluno fracassado-invisível e do “dom da inteligência” legitimam a desigualdade social, quando o próprio oprimido passa a acreditar que não é capaz de ter sucesso por características pessoais e não do sistema.

Os tidos como alunos brilhantes fazem parte de uma espécie de ‘nobreza escolar’ e a grande maioria são herdeiros da chamada ‘nobreza de sangue’, ou seja, possuem um capital incorporado que

lhes facilita essa apropriação dos códigos escolares e a obtenção de significativas titulações e diplomação justifica sua meritocracia. Quanto ao exposto temos:

[...] vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta que ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais. Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de assalariado agrícola e quarenta vezes mais que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores àquelas de um jovem da camada média. (BOURDIEU, 1989, p.5)

O autor citado considera ainda que:

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo **ethos**, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar".( BOURDIEU,1989, P. 5)

Na visão de Bourdieu (1989) a influência do capital cultural pode ser percebida nas relações empreendidas entre o nível cultural global das famílias e o sucesso escolar das crianças. Podemos afirmar que o sucesso escolar muitas vezes sofre interferências das famílias por via cultural e dessa forma, a cultura ou o acesso a ela separa indivíduos aparentemente iguais quanto ao êxito social e escolar.

Sabendo que segundo o autor nenhum tipo de dominação se sustenta sem se fazer reconhecer, ou seja, sem se legitimar, muitas vezes através de mecanismos irreconhecíveis para realizar aquilo que Bourdieu chama de violência simbólica – o estabelecimento continuo de crenças no processo de socialização, que induz o indivíduo a se posicionar, a se adequar, seguindo critérios e padrões do discurso dominante legitimado. E qual fator mais eficaz de legitimação do que o sistema escolar?

Por meio dessa violência simbólica o sistema escolar reproduz as relações de dominação existentes, ou seja, a estrutura de classes e a ideologia dominante. Sendo assim, o autor defende que a escola não resolve problemas sociais e nem tão pouco oferece “de bandeja” a tão sonhada mobilidade social prometida pela “escola libertadora”. Pelo contrário, ela os reforça na medida em que reproduz as relações de poder, excluindo os não privilegiados, convencendo-os a se submeterem, sem perceber, a essa dominação simbólica.

Além de reproduzir e reforçar essa ideologia dominante, a escola ainda a legitima no sentido de que faz com que o mecanismo de eliminação das classes populares seja ligado à falta de habilidades e capacidades, ao mau desempenho ou falta de esforço ou simplesmente a falta de inteligência – a ausência do dom para estudar. Por não conseguir dominar os mesmos códigos culturais que a escola valoriza, esses alunos sem o capital cultural valorizado pela escola são diariamente violentados simbolicamente para assimilar essa ideologia meritocrática de que são as qualidades e dons individuais que fazem o sucesso escolar e social e não o sistema que controla essa dominação.

Para Bourdieu a única saída para esse processo, realizado de forma inconsciente pela escola, era tornar explícito esse jogo de poder velado que ocorre dentro da instituição. Exatamente por isso destacamos como considerações finais de nosso artigo a necessidade e importância do estudo da obra de Pierre Bourdieu, sobretudo pelos professores atuantes e em processo de formação, para que estejam conscientes desses mecanismos de poder simbólico que permeiam o processo escolar.

## Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *A escola conservadora: a desigualdades frente à escola e à cultura*. Educ. Rev., Belo Horizonte (10): 3-15, dez. 1989.

BOURDIEU, Pierre. *Capital Cultural, Escuela y Espacio Social*. México: Siglo Veinteuno, 1997.

CAZELLI, Sibele. Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escola: Quais as relações? Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2005.

CUNHA, Maria Amália. *O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica*. PERSPECTIVA, Florianópolis, v.25, n.2, 503-524, jul./dez.2007.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. *Rotary Club: habitus, estilo de vida e sociabilidade*. São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. *Capital Cultura, Classe e Gênero em Bourdieu*. INFORMARE – Cad Prog Pós-Grado CioInf., v.1, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995.